

## AS QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Tuany Cristina Carvalho Santos<sup>1</sup>  
Bettina Heerdt<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise de dissertações e artigos no âmbito da produção científica brasileira, com o recorte temporal entre os anos 2015 a 2018, referente às questões de gênero na Educação Infantil. O texto está fundamentado principalmente em autores que discutem as relações de gênero no espaço escolar e Educação Infantil, tais como: Louro (1997, 2000, 2002), Finco (2005), entre outras. Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa foram: o levantamento de dissertações e artigos científicos nas plataformas digitais e sistematização dos dados a partir dos trabalhos encontrados. Em relação aos aspectos teórico-metodológicos constatamos a incidência de pesquisas de abordagem qualitativa, que utilizam observações e entrevistas como instrumento de coleta de dados. No que se refere às afluências, identificamos nas pesquisas gênero compreendido a partir de uma perspectiva biológica, de caráter binário e heteronormativo, e que tais compreensões, são naturalizadas. As pesquisas apontam para a necessidade da temática de gênero ser abordada na formação de professores/as. Quanto às lacunas, notamos a escassez de produções que explicitem em seus resumos o referencial teórico que permeia as pesquisas, além de produções que evidenciem o protagonismo infantil, ao ter crianças como participantes, e a possibilidade de transgressão delas.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Relações de gênero. Produção Científica.

### GENDER ISSUES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AN ANALYSIS OF SCIENTIFIC PRODUCTION

### ABSTRACT

This paper aims to present an analysis of dissertations and articles within the Brazilian scientific production, with the time frame between 2015 and 2018, regarding gender issues in Early Childhood Education. The text is based mainly on authors who discuss gender relations in the school space and Early Childhood Education, such as: Louro (1997, 2000, 2002), Finco (2005), among others. The methodological procedures used in this research were: the survey of dissertations and scientific articles in digital platforms and systematization of data from the works found. Regarding the theoretical and methodological aspects, we verified the incidence of research with a qualitative approach, which uses observations and interviews as a data collection tool. Regarding the affluences, we identified in the researches gender understood from a biological perspective, of binary and heteronormative character, and that such understandings are naturalized. The researches point to the need of addressing the gender theme in teacher education. As for the gaps, we noticed the scarcity of productions that explicit in their abstracts the theoretical framework that permeates the research, as well as productions that highlight the child protagonism, by having children as participants, and the possibility of their transgression.

**Keywords:** Early Childhood Education. Gender relations. Scientific Production.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas no Ensino de Ciências - GEPEC. Email para contato: tuanycarvalho09@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa -UEPG e professora no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Email para contato: bettina\_heerdt@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Pesquisar e discutir as relações de gênero tem adquirido significativa importância no contexto atual, afinal, há emergência em se problematizar as desigualdades existentes entre mulheres, homens, pessoas não binárias e travestis na sociedade, com intuito de oportunizar novos caminhos para uma sociedade equitativa.

Nesse sentido, torna-se fundamental ampliar os estudos de gênero no ambiente educacional, visto que a escola faz parte de uma complexa rede de tecnologias e um sistema disciplinar pelos quais o poder opera (FOUCAULT, 1999), inclusive na Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, com a finalidade de perceber os discursos enquanto práticas que sustentam os regimes de verdade e poder (FOUCAULT, 1993). Logo, emerge a necessidade de se discutir gênero no campo social e também, educacional, visando desconstruir padrões binários disseminados e tidos como verdade.

Diante da relevância da temática, buscou-se a partir do levantamento e análise das produções científicas saber como as questões de gênero na Educação Infantil têm sido abordadas nas pesquisas? O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise de dissertações e artigos no âmbito da produção científica brasileira, com o recorte temporal entre os anos 2015 a 2018, referente às questões de gênero na Educação Infantil, a fim de identificarmos as aflições e lacunas,

Este trabalho é de natureza qualitativa, feito a partir de pesquisa bibliográfica, em que se realizou o levantamento de produções científicas no catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Portal de Periódicos CAPES/MEC e acervo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED<sup>3</sup>). Para tanto, o texto está estruturado da seguinte forma: primeiramente, faremos uma breve discussão a respeito das

---

<sup>3</sup> Entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Tem por finalidade o desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura, dentro dos princípios da participação democrática, da liberdade e da justiça social (ANPED, 2012).

relações de gênero na Educação Infantil; posteriormente apresentaremos os resultados e análises e, por fim, as considerações finais.

### **Relações de gênero e a Educação Infantil: uma construção social**

A concepção a respeito de gênero presente neste trabalho tem como base Scott (1995) que o define como uma construção cultural, elemento constitutivo das relações sociais entre os sexos, que rejeita explicações biológicas, mas busca compreender a criação inteiramente social de ideias dos papéis adequados aos homens e às mulheres. Para mais, “Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta” (HARAWAY, 1995, p. 221).

Louro (2002, p. 229) afirma que o conceito de gênero se constitui “relevante, útil e apropriado para as questões educacionais, pondo em xeque o caráter ‘natural’ do feminino e do masculino, o conceito indica um processo, uma ação, um investimento para ‘fazer’ um sujeito ‘de gênero’”. A autora ainda acrescenta a importância de refletirmos o papel da escola na construção dessas diferenças entre os gêneros, afinal, historicamente a educação fixa lugares sociais para meninas e meninos, além de não valorizar as diferenças.

Louro (2000) nos alerta sobre o fato de que a escola acaba construindo essas diferenças sociais entre meninas e meninos por meio de mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização e nos chama a atenção para que possamos estar atentas/os a esse processo, revelando que:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer do cotidiano escolar. Atentas aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos e usados – portanto não são concebidos - do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 2000, p. 59).

Ao aguçar os sentidos e perceber a escola como espaço privilegiado de institucionalização de diferenças entre sexos e corpos, nota-se que essas ações são realizadas de maneira sutil e bastante naturalizadas, afinal, são frutos de discursos e práticas discursivas que se constroem e se reproduzem ao longo do tempo em

diversos espaços e tempos. De acordo com Vianna e Finco (2009), desde o nascimento, as crianças vivem cercadas por um universo de significados culturais, que por meio de diversos aspectos busca moldá-las para que aceitem as normas sociais que lhes são impostas e assumam os papéis a elas designados, isso ocorre por meio de vários instrumentos, seja por brinquedos, livros, atitudes, roupas, cores, palavras, discursos, entre outros.

Entretanto, podemos identificar que essas normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres (FINCO, 2005, p.1). A autora ainda acrescenta que, na maioria das vezes, não é percebido, porque é algo naturalizado, pois há um amplo trabalho em sua divulgação, que ocorre em diferentes segmentos sociais, seja na família, na escola, na comunidade, enfim, são construídos valores nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos.

A escola produz diferenças e desigualdades ao realizar ações distintas entre os sujeitos que tinham ou não acesso a ela, como também, exercia essa ação no seu interior com os que a frequentavam (LOURO, 1997). A autora ainda acrescenta que a escola institui diferenças de gênero ao impor regras que evidenciam as normas sociais, por meio de gestos, movimentos, sentidos que são produzidos e incorporados por meninos e meninas.

Além disso, Louro (1997, p. 58) corrobora com a afirmativa de Foucault no sentido de que a escola por meio da linguagem, não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui, produzindo e fixando diferenças, como podemos observar:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas [...]. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos 'fazem sentido', instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Entendemos a relevância de pesquisar, discutir e realizar este levantamento acerca das relações de gênero e a instituição escolar, especificamente, a Educação Infantil, pois, como podemos perceber, a escola continua a moldar corpos e mentes, a fim de construir as identidades femininas e masculinas. Tendo em vista que a Educação Infantil se constitui como a primeira etapa da Educação Básica e possui a

finalidade de promover o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, é nela que por meio de discursos generificados e adultocêntricos se delimitam espaços, pautando-se em símbolos e códigos, afirmando o que cada um pode (ou não pode) fazer, ou seja, a escola separa e institui (LOURO, 1997).

Além disso, entendemos a importância de se pesquisar e discutir gênero no contexto da Educação Infantil, pelo fato de que a educação não transmite um conhecimento neutro, isento de uma ideologia adultocêntrica, mas, se pauta nos pressupostos criados pelos adultos, rotulando e normalizando as produções, os comportamentos e as linguagens das crianças (SANTIAGO; FARIA, 2015).

### **Revisão de literatura: o que dizem as pesquisas?**

Mapear, sintetizar e analisar a produção acadêmica da nossa área de estudo nos permitiu compreender e pesquisar para poder contribuir com o campo e evitar redundâncias e acúmulo de produções. O levantamento possibilitou “uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes” (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Para compreendermos a produção científica existente na área de estudo das relações de gênero, especificamente às vinculadas à Educação Infantil e a organização de seus espaços, atrelados à formação contínua de docentes, foi realizado um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Fundação CAPES<sup>4</sup> e em periódicos científicos nacionais, como: Portal de Periódicos CAPES/MEC<sup>5</sup> e acervo da ANPED<sup>6</sup> - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, especificamente, no Grupo de Trabalho (GT) 23 - Gênero, Sexualidade e Educação.

No banco de teses e dissertações da CAPES utilizamos os seguintes termos para a busca “gênero” e “Educação Infantil”. A partir disso, foram encontrados 224.654

<sup>4</sup> *Website* disponível por meio do link: <[www.bancodeteses.capes.gov.br](http://www.bancodeteses.capes.gov.br)>.

<sup>5</sup> *Website* disponível por meio do link: <<https://www.periodicos.capes.gov.br/>>.

<sup>6</sup> *Website* disponível por meio do link: <<https://anped.org.br/>>.

(duzentos e vinte e quatro mil, seiscentos e cinquenta e quatro) resultados, entretanto, para peculiarizar o levantamento, utilizamos ainda, os seguintes refinamentos de pesquisa: a) tipos de pesquisa Mestrado e Doutorado; b) anos 2015, 2016, 2017 e 2018; c) grande área conhecimento: Ciências Humanas; c) área conhecimento: Educação; d) área avaliação: Educação; e) área concentração: Educação, EDUCAÇÃO e Educação; f) nome programa: Educação, EDUCAÇÃO e EDUCAÇÃO (três formas distintas que constam na plataforma).

Dessa maneira, foram encontrados o total de 10.441 (dez mil quatrocentos e quarenta e um) resultados, foi utilizando outro refinamento de busca a partir das teclas Ctrl+F, em que novamente o termo “gênero” foi inserido, e assim, ressaltados ao longo das páginas exibidas no *website* os trabalhos que possuíam em seu título o descritor pesquisado.

Diante disso, realizamos também uma análise dos resumos dos trabalhos destacados e foram selecionados os que apresentavam discussões de gênero e Educação Infantil, sendo os participantes da pesquisa professores/as<sup>7</sup>, assim, foram selecionadas 10 dissertações que respeitavam os critérios da pesquisa. Cabe salientar que não foram encontradas teses que respeitassem os refinamentos mencionados nesse processo de levantamento.

Analisamos nos trabalhos a partir do resumo que apresentavam, os seguintes aspectos: o objetivo geral, referencial teórico, a metodologia utilizada, participantes das pesquisas e os principais resultados. Assim, organizamos um quadro para sistematizar alguns dados principais dos trabalhos encontrados (Quadro 1).

---

<sup>7</sup> A escolha por pesquisas que tivessem como participantes professores/as da Educação Infantil se justifica pelo fato de que os discursos de adultos ditam normas e lugares, portanto, adultocentrismo é um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea, ele atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultas no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, colocando os adultos com papel privilegiado (SANTIAGO; FARIA, 2015).

**QUADRO 1 – Dissertações**

<b>ANO</b>	<b>NATUREZA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORES</b>	<b>UNIVERSIDADE</b>
2015	Dissertação	Representações de gênero e de sexualidade nas brincadeiras infantis e na docência: discurso, consolidação, resistência e ambivalência	Lucimar da Luz Leite	Universidade Estadual de Maringá (PR)
2015	Dissertação	Organização e utilização dos espaços físicos na educação infantil: um estudo sob a ótica do gênero	Tassio José da Silva	Universidade Federal de São Paulo (SP)
2016	Dissertação	A infância e as questões de gênero em instituições de Educação Infantil	Daniane Fátima Quadrado Caminero	Universidade Comunitária da Região de Chapecó (SC)
2016	Dissertação	Narrativas de professores de Educação Infantil sobre gênero em uma escola de Ananindeua: discursos e seus efeitos em práticas pedagógicas	Luciane Tavares dos Santos	Universidade do Estado do Pará (PA)
2016	Dissertação	Um olhar sobre as práticas pedagógicas que transgridem estereótipos de gênero na Educação Infantil na região metropolitana de Belo Horizonte.	Lorena Marinho Silva Aguiar	Universidade Federal De Minas Gerais (MG)
2017	Dissertação	Concepções sobre gênero e direitos humanos no contexto de uma escola de Educação Infantil (Torres – RS)	Daniel Fraga Barros	Universidade do Extremo Sul Catarinense (SC)
2017	Dissertação	Pedagogia dos Corpos: Gênero e Sexualidade em dois CMEIS da cidade de Natal – RN	João Batista de Oliveira Filho	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN)
2018	Dissertação	Fotonarrativas e percepções de professoras da educação infantil sobre gênero: uma análise a partir das práticas pedagógicas	Raquel Aparecida Batista	Universidade Federal de São Carlos (SP)
2018	Dissertação	Gênero e Educação Infantil: um estudo das atividades realizadas pelas professoras no contexto escolar	Thalita de Fatima Aranha Barbosa Sousa	Universidade Federal do Maranhão (MA)
2018	Dissertação	Educação infantil, dimensão brinçalhona, gênero e profissão docente: o que as professoras e professores têm aprendido com meninas e meninos pequenas/os?	Viviane Soares Anselmo	Universidade de São Paulo (SP)

**Fonte:** organizado pelas autoras

A pesquisa de Leite (2015) teve como objetivo analisar as representações expostas pelas docentes de Educação Infantil, referentes às temáticas de gênero e de sexualidade no cotidiano de alunos/as, em suas brincadeiras livres e espontâneas.

O referencial teórico não foi apresentado no resumo. A metodologia é qualitativa, foram aplicados 14 questionários para professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil em Campo Mourão – PR. As análises mostram que o espaço escolar, embora seja considerado um contexto de extrema diversidade, produz e reproduz diferenças e discriminação de gênero e de sexualidade. As professoras negam a distinção de gênero nas brincadeiras das crianças, no entanto, em outros momentos, apresentam respostas com indícios de diferenciação. As diferenças tradicionalmente construídas de gênero, em plena atualidade, proliferam na escola, e, sobretudo, nas brincadeiras infantis. Com isso, a autora indica a necessidade de implantar a temática de gênero e de sexualidade nos cursos de formação.

O trabalho de Silva (2015) teve por objetivo problematizar as relações de gênero que permeiam a organização e a utilização dos espaços de educação e cuidado. O referencial teórico adotado é relacionado à arquitetura e educação, aos estudos de gênero e à Sociologia da Infância. A pesquisa é qualitativa de inspiração etnográfica, realizou observação direta das crianças e entrevistas com professores/as. A pesquisa revela um processo de espacialização sob a ótica de gênero, os espaços da instituição se configuram como um elemento de controle das crianças, a partir da lógica adulta, pautada pelas estruturas de poder, ou seja, foi possível perceber que a organização dos espaços se apresenta carregada de mensagens e normas de gênero, sugerindo lugares, posições segregadas e opostas para meninas/os. Concluiu que a instituição legitima normas de gênero quando não problematiza a organização e utilização dos espaços, o que acaba criando espaços generificados, os quais são organizados de modo dicotômico, binário e segregados de acordo com o sexo dos indivíduos.

A pesquisa de Caminero (2016) teve por objetivo compreender a relação entre infância e questões de gênero em instituições de Educação Infantil. O referencial teórico não foi mencionado no resumo. A metodologia é qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores/as e observação participante de uma turma do maternal. Os resultados mostram que as crianças transgridem as normas e padrões de gênero considerados adequados a meninas e meninos, conforme normas adultocêntricas impostas. Além disso, as participantes respondem que não tiveram



acesso às discussões de gênero, na sua formação inicial ou continuada, e relatam dificuldades em refletir a respeito da temática.

O trabalho de Santos (2016) teve como objetivo analisar discursos de gênero, buscando os efeitos que produzem nas práticas pedagógicas de professoras em uma Unidade de Educação Infantil. O referencial teórico que subsidia a pesquisa é: os estudos de gênero na educação; estudos foucaultianos; Sociologia da Infância, e Bourdieu e Passeron a partir de conceitos de autoridade pedagógica e violência simbólica. A pesquisa é de natureza qualitativa, foram realizadas observações; diário de campo; entrevistas narrativas e questionários. Para a análise dos dados foi utilizado o conceito de interdiscursividade da Análise do Discurso Francesa. Em relação aos resultados obtidos a autora enfatiza um contexto complexo em que circulam discursos de ordem médica e religiosa, os quais influenciam a prática docente. Para mais, as concepções seguem uma perspectiva binária e essencialista, nas quais o sexo biológico, gênero e sexualidade estão atrelados e definidos biologicamente, em contrapartida, repercutem discursos de pró-igualdade social entre homens e mulheres. Um aspecto observado pela autora é que as professoras realizam ações pedagógicas de formas distintas entre si, em que normalizam e desconstroem discursos de desigualdades, principalmente quando as crianças estão em contato com brinquedos generificados. Também relata angústias das professoras em relação às famílias de como agir com as crianças frente à temática de gênero.

O objetivo da pesquisa de Aguiar (2016) foi analisar as práticas pedagógicas de professoras de Educação Infantil que estão inseridas em uma cultura heteronormativa e sexista. O referencial teórico não foi especificado no resumo. A metodologia é qualitativa, a coleta de dados ocorreu por meio de observações em sala de aula e entrevistas semiestruturadas com professoras da Educação Infantil. Os resultados mostram que as práticas pedagógicas observadas e analisadas se mostram relevantes na transgressão dos estereótipos de gênero e ressalta que tais práticas se realizaram de maneira espontânea no cotidiano escolar. A autora aponta a necessidade de formação docente na área de gênero e sexualidade, como também, retrata que a mesma poderá contribuir para (re)pensarmos práticas pedagógicas em prol de uma educação não discriminatória e mais democrática.

A pesquisa de Barros (2017) teve por objetivo compreender as concepções e práticas pedagógicas, a partir de narrativas, de um professor, três professoras, uma diretora e uma orientadora educacional de Educação Infantil acerca de gênero e direitos humanos. Adotou-se como referencial teórico as autoras: Scott, Pinski e Pedro e Louro. O trabalho é qualitativo foram realizadas entrevistas semiestruturadas. As narrativas em relação a gênero apresentaram diferentes concepções, pois em alguns momentos assinalaram os aspectos biológicos e em outros se remeteram ao conceito de gênero em seu aspecto relacional e ainda, apresentaram gênero como sinônimo de sexo. Barros (2017) enfatiza a necessidade de formações acadêmico-profissionais que abarquem gênero, visando reflexões críticas do processo educativo.

O trabalho de Filho (2017) teve por objetivo discutir práticas curriculares envolvidas em questões de gênero e sexualidade em turmas de crianças de cinco anos de idade. O referencial teórico foi pautado nos estudos pós-estruturalista em educação, estudos de gênero, estudos culturais e estudos foucaultianos. A metodologia foi qualitativa com inspiração etnográfica, foram realizadas observações das aulas e entrevistas semiestruturadas com professoras. Foi possível perceber relações assimétricas de poder na forma de uma ação sobre ações, em que se articulam exercícios produtivos que privilegiam formas de gênero e sexualidade na ótica binária e heteronormativa. Dessa maneira, há uma dinâmica instável e há significados da cultura, dissimulados como naturais, posicionados para que cada um veja as normas do próprio corpo não apenas como necessárias, mas como naturais. O autor afirma que as práticas curriculares são atravessadas por astúcias do poder investindo detalhadamente em subjetividade normativa de gênero e sexualidades.

Na pesquisa de Batista (2018) o objetivo era identificar as percepções de gênero nas fotonarrativas de práticas pedagógicas das professoras de Educação Infantil, bem como, propor às professoras da instituição pesquisada reflexões da prática frente às questões de gênero. A pesquisa utilizou os referenciais da Educação Infantil e infância, de gênero como categoria de análise e gênero na educação infantil e da prática pedagógica para fundamentar o trabalho com narrativas como um método investigativo. A metodologia é qualitativa, a coleta de dados ocorreu por meio da construção de narrativas a partir de fotografias da prática pedagógica de três professoras de um Centro de Educação Infantil. Os resultados evidenciam que as

percepções de gênero das professoras em alguns momentos priorizam aspectos biológicos, e em outros enfatizam os aspectos sociais. As práticas pedagógicas revelam que, mesmo inseridas em um padrão hegemônico e binário, existem a intenção consciente de romper esses modelos e promover práticas de equidade de gênero.

A pesquisa de Sousa (2018) teve como objetivo investigar as percepções das professoras da categoria gênero e sua relação na educação de crianças pequenas. A pesquisa é qualitativa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e registros de campo. Em relação aos resultados foram identificados diferentes saberes de gênero que foram produzidos e legitimados, naturalizações dos significados do que é ser feminino ou masculino contribuem para que diferenças não sejam percebidas. Além disso, a pesquisa possibilitou compreender que a prática pedagógica ainda é permeada pelas concepções pré-determinadas do ser feminino ou ser masculino. A autora elenca que na Educação Infantil é possível desenvolver ações que problematizem e contribuam para as desconstruções e posteriores transformações da temática, superando, os binarismos, elenca a necessidade da formação docente inicial continuada.

O trabalho de Anselmo (2018) investigou as possibilidades de retomada da dimensão brincalhona de professores/as da Educação Infantil, dimensão esta entendida como principal pré-requisito da profissão docente. A pesquisa adotou como referencial teórico a Pedagogia da Educação Infantil e das Ciências Sociais, as Artes na primeira infância, sobretudo as corpóreas. A pesquisa foi um estudo de caso, foram realizadas observações da jornada educativa de um grupo de meninas e meninos pequenas/os (cinco anos de idade) e de sua professora, além de momentos coletivos com todas as demais crianças, as professoras e o professor da instituição, entrevistas semiestruturadas com a professora da turma observada e com o único professor da equipe e análise dos documentos, como o Projeto Político-Pedagógico da Creche/Pré-Escola. Os resultados demonstram a importância das relações centradas nas brincadeiras, nas linguagens do corpo, nas experiências artísticas e criativas, para que, no encontro com as crianças, professoras/es reconstruam suas dimensões brincalhonas de ser a partir de uma disponibilidade corporal e de um olhar atento para as criações de crianças pequenas. Além disso, o estudo discutiu o potencial

transgressor da brincadeira, não escolarizada, não sexista, permeada por múltiplas formas de expressão, pela abertura à/ao outra/o e pela desconstrução das formas de dominação e poder.

Em síntese, identificamos que dos 10 trabalhos de pesquisa que abordam as relações de gênero no contexto da Educação Infantil, observamos que dois (LEITE, 2015; ANSELMO, 2018) apresentam a percepção dos/das professores/as da Educação Infantil acerca gênero no exercício da sua docência e de brincadeiras infantis. Quatro trabalhos abordam gênero nas práticas pedagógicas exercidas pelos/as professores/as (AGUIAR, 2016; FILHO, 2017; BATISTA, 2018; SOUSA, 2018). Além de outros dois trabalhos abordarem gênero a partir da narrativa de professores/as (SANTOS, 2016; BARROS, 2017), outro trabalho enfatiza gênero na instituição de Educação Infantil a partir da infância (CAMINERO, 2016). Apenas um trabalho (SILVA, 2015) faz uma análise dos espaços físicos, tratando da organização e utilização desses na instituição de Educação Infantil norteado pelas discussões das relações de gênero.

A partir desse levantamento foi possível realizar uma análise das dissertações de gênero atreladas à Educação Infantil e tendo como sujeitos professores/as, sendo possível constatar que todos os trabalhos utilizam uma abordagem qualitativa e oito deles, utilizaram-se de observações e entrevistas como instrumentos de coleta de dados. Cabe destacar também que apenas três pesquisas trazem o referencial teórico explícito em seus resumos, elencando os autores que subsidiaram as discussões apresentadas, o que podemos compreender como uma fragilidade, pois não é possível compreender com clareza a unidade teórico-epistemológica das mesmas, trazendo limitações para a produção de pesquisas de gênero na Educação Infantil.

Para mais, destacamos a respeito do levantamento feito que a maioria das produções são provenientes da Região Sudeste com quatro trabalhos (São Paulo – 3 / Minas Gerais – 1), seguida pela Região Sul com três (Paraná – 1 / Santa Catarina 2). Bem como, a maioria das dissertações foram produzidas por mulheres (sete trabalhos), o que nos faz enfatizar a afirmativa de Keller (2006, p.16) em relação à participação das mulheres nas ciências, as quais são inspiradas pelo Movimento Feminista a criticar os padrões androcêntricos impostos, destacando que o feminismo:

[...] mudou a percepção das mulheres (e do gênero) em boa parte do mundo ocidental. De fato, mudou mais que a percepção, mudou a condição de muitas mulheres nesta parte do mundo. [...] O feminismo contemporâneo mudou a posição das mulheres na ciência.

Em síntese, os resultados das pesquisas de mestrado mostram que professores/as reproduzem diferenças e preconceitos, legitimam normas de gênero, descrevem o sexo enquanto biológico e que os espaços são elementos de controle. Por outro lado, as crianças durante as brincadeiras transgridem normas sociais impostas para meninos e meninas, e que professores/as também buscam romper com o modelo hegemônico.

Para o levantamento de periódicos, foi realizada na plataforma Portal de Periódicos CAPES/MEC uma pesquisa que utilizou as seguintes palavras-chaves “gênero” e “Educação Infantil”, resultando em 1.609 (mil seiscentos e nove) trabalhos. Para refinar a pesquisa no campo de buscas por assunto, foi selecionado: a) Tipo de recurso: artigos; b) Data publicação: 2015 a 2018; c) Tópico: Brasil; Educação; Gênero; Educação Infantil; e d) Idioma: Português (Brasil). Dessa maneira, encontramos o total de 125 (cento e vinte e cinco) resultados, após foi realizada a leitura dos resumos e palavras-chaves dos trabalhos encontrados, a fim de verificar se estes respeitavam os critérios de busca, incluímos, além de gênero e Educação Infantil, os sujeitos da pesquisa fossem professores/as. Portanto, foram encontrados quatro trabalhos e esses foram analisados a partir do resumo, alguns itens, como: objetivo, referencial teórico, participantes da pesquisa e os principais resultados (Quadro 2).

QUADRO 2 – ARTIGOS DE PERIÓDICOS

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO	PERIÓDICO
O chinelo rosa: Corpo e gênero na Educação Infantil	Camila Krug Rosângela Soares	2016	Revista Zero-a-Seis
Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninas e meninas?	Marina Mariano Helena Altmann	2016	Cadernos Pagu
Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da Educação Infantil	Raquel Gonçalves Salgado Paula Fernanda Martins- Garcia	2018	Revista Zero-a-Seis
A constituição das creches nas universidades públicas estaduais paulistas: as relações de gênero e os direitos da mulher e da criança pequena - a busca por novas práticas	Sueli Helena de Camargo Palmen Vivian Colella Esteves	2018	Revista Zero-a-Seis

Fonte: organizado pelas autoras.

Na pesquisa de Krug e Soares (2016) refletem as conexões entre corpo e gênero na Educação Infantil e a atuação docente por meio de uma pesquisa qualitativa realizada a partir de observações em uma turma do Maternal 2. As autoras destacam que utilizaram a perspectiva cultural dos conceitos de corpo e gênero. Em relação aos resultados as representações dos marcadores de gênero se entrecruzam com o pedagógico, impedindo, em alguns momentos, as crianças de participar das atividades, como na exploração de materiais de cunho artístico, como no uso das fantasias.

O trabalho de Mariano e Altmann (2016) objetivou tratar das relações de gênero em aulas de Educação Física na Educação Infantil por meio de observações de aulas e entrevistas com um professor e uma professora. Os resultados apontaram que expectativas e incentivos docentes, quando expressas para as crianças de forma polarizada, produziram desigualdades de gênero. Além disso, as autoras destacam a importância de intervenções menos polarizadas, hierarquizadas e desiguais entre as crianças, para que meninas e meninos aprendam e vivenciem o corpo e os gestos de forma ampla e diversificada.

No artigo de Salgado e Garcia (2018) o objetivo foi a compreensão dos discursos de professoras, de uma instituição de Educação Infantil da rede pública, do corpo da criança, nos modos como estes discursos se entrelaçam com as práticas de educar, cuidar, proteger e como são atravessados por perspectivas de gênero e sexualidade. Adotaram como referencial teórico os estudos da infância, bem como as análises de Michel Foucault, David Le Breton, Donna Haraway e Judith Butler, que, resguardadas as suas diversidades teóricas, permitem compreender corpo, gênero e sexualidade numa dimensão discursiva. As autoras destacam que a partir dos discursos das professoras foi possível concluir que estes remetem a práticas de cuidar, educar e relações de gênero vividas no cotidiano da instituição, que trazem à tona questões do corpo da criança, em suas mais intensas alteridades em relação ao corpo adulto, civilizado e disciplinado.

Por fim, Palmen e Esteves (2018) em seu artigo apresentam um recorte de pesquisas realizadas no contexto das creches universitárias, o histórico de implementação, além de se conectar a pesquisa realizada na graduação das autoras, como trabalho de conclusão de curso, voltada ao estudo das relações de gênero no

contexto de uma creche. A coleta de dados ocorreu por meio de diário de campo, analisou e acompanhou as práticas de algumas professoras da creche, sendo possível perceber que muitas acabavam incentivando estereótipos do feminino nas meninas e do masculino nos meninos, e, ao mesmo tempo, impedindo que as meninas tivessem um comportamento considerado masculino e que os meninos tivessem um comportamento considerado feminino. O histórico de implementação das instituições de Educação Infantil mostrou a luta das mulheres pelo direito a creche, buscando o apoio nesta etapa para a emancipação e superação dos padrões patriarcais colonialistas que atribuem apenas a mulher-mãe a responsabilidade pela educação e cuidado das crianças.

Os dados coletados por Palmen e Esteves (2018) apontaram para o fato, que por viverem num contexto machista, as docentes que atuam numa das creches universitárias são vítimas das opressões de gênero, classe, raça, etnia, idade, entre outras e acabam por reproduzir essas desigualdades e opressões nas práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças. Além disso, as autoras destacam que ainda há a ausência de discussões de gênero na infância e que as crianças constantemente transgridem padrões estabelecidos, assim como, defendem que todos os profissionais precisam vivenciar tais discussões para propiciar maior conhecimento e reflexão de suas práticas a fim de construir um ambiente acolhedor, resgatando princípios feministas para que a creche também seja responsável pelo combate às opressões e faça parte das políticas públicas, se posicionando a favor de uma educação pública, gratuita, de qualidade, de acesso a todas e todos.

Em relação aos quatro artigos de periódicos encontrados, pudemos verificar que três abordam gênero na Educação Infantil, com ênfase nas práticas pedagógicas exercidas por professores/as (KRUG; SOARES, 2016; MARIANO; ALTMANN, 2016; PALMEN; ESTEVES, 2018). O trabalho de Salgado e Garcia (2018) retratou as percepções de gênero, sexualidade, corpo e infância a partir dos discursos de docentes, e foi o único que apresentou de forma clara o referencial teórico utilizado na pesquisa, evidenciando os autores. Destacamos o fato de que grande parte dos artigos encontrados, sendo três deles, foram publicados na Revista de Zero-a-Seis.

Um aspecto importante para ressaltarmos é o fato de que todos os artigos apontam para a existência de desigualdades de gênero e limites impostos aos corpos

infantis por meio das práticas pedagógicas dos/as professores/as e discursos. Mas, uma delas (PALMEN; ESTEVES, 2018) se diferencia por relacionar gênero também ao aspecto histórico de uma instituição de Educação Infantil, a fim de destacar a relevância da luta social estabelecida por mulheres.

O levantamento realizado no acervo da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, buscou por trabalhos que pertencessem ao Grupo de Trabalho - 23 que abrangessem a temática: Gênero, Sexualidade e Educação. Vale destacar que os critérios dessa busca foram produções pertencentes ao Grupo de Trabalho mencionado, entre os anos 2015 a 2018, que possuíssem em seus resumos as palavras-chave “gênero” e “Educação Infantil”. Primeiramente, consultamos a aba da biblioteca do *website*, selecionando o filtro para GT-23, porém, o filtro não se aplicou ao acervo e por isso, foi necessário averiguarmos todas as páginas em busca dos trabalhos submetidos ao grupo de trabalho mencionado, assim, foram lidos os resumos dos trabalhos encontrados para verificar a compatibilidade com os critérios.

Com a finalidade de averiguar a consistência da busca realizada, consultamos os anais disponíveis tanto das reuniões nacionais dos anos de 2015 e 2017 (37º e 38º Reunião Nacional), como também, das reuniões regionais dos anos de 2016 e 2018 (Centro-Oeste, Sudeste, Sul, Nordeste, Norte). Entretanto, os anais das reuniões da região Centro-Oeste (2016) e da região Nordeste (2016) não estavam mais disponíveis para consulta.

Destacamos também que em algumas reuniões regionais a nomenclatura dos grupos de trabalho se diferencia um pouco, por exemplo, região Sul possui o eixo 18 que aborda Gênero, Sexualidade e Educação, ou ainda, como a região Norte que possui o GT 21 e 23 unidos. No quadro abaixo (Quadro 3) estão elencados os quatro trabalhos encontrados nesse levantamento, que foram analisados a partir do resumo, observando os seguintes aspectos: objetivo, referencial teórico, participantes da pesquisa e os principais resultados.



QUADRO 3 – TRABALHOS ANPED

TÍTULO	AUTOR(ES)	ANO	REUNIÃO
Construções de identidade de gênero na primeira infância: uma análise da produção científica e do RCNEI	Francisca Jocineide da Costa e Silva	2015	37º Reunião Nacional
“Coisas de meninos e coisas de meninas”: a produção do curso gênero e diversidade na escola sobre Educação Infantil	Francisca Jocineide da Costa e Silva Adenilda Bertoldo Alves de Moraes	2017	38º Reunião Nacional
Experiências de identidades de gênero: corpo brincante em espaços institucionais – entre brinquedos, brincadeiras e outras habitações lúdicas	Renata Aparecida Carbone Mizusaki Cleomar Ferreira Gomes	2017	38º Reunião Nacional
Saberes infantis sobre as relações de gênero: corpos pensantes na Educação Infantil	Renata Aparecida Carbone Mizusaki	2018	14º Reunião Regional Centro-Oeste

Fonte: organizado pelas autoras.

O trabalho de Costa e Silva (2015) objetivou articular a construção de identidades de gênero na Educação Infantil aos trabalhos dos GT's 07 e 23 da ANPED e ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (vol. II), visando responder ao questionamento de como são abordadas as construções e desconstruções de identidade de gênero na Educação Infantil. O texto é um recorte da dissertação de mestrado em que a autora realizou uma análise das produções científicas que abordam gênero na Educação Infantil, com ênfase nas pesquisas que tinham como participantes as crianças. Conta com alguns referenciais teóricos, como: Woodward (2012), Hall (2011), Scott (1995), Silva (2010, 2012), Louro (2008), Paetchter e Butler (2009). Como principais resultados a autora destaca que os trabalhos sobre a temática são incipientes, pois apenas relatam as (des)construções de identidade de gênero, mas não apresentam propostas pedagógicas para os problemas que encontraram. Bem como, destaca que o RCNEI é um documento importante por apontar o trabalho com gênero na Educação Infantil mesmo que de forma ampla, porém, o documento é pouco divulgado e não é de conhecimento de todos/todas.

Já a produção de Costa e Silva e Moraes (2017) objetivou analisar 11 trabalhos de conclusão do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, focalizando as relações de gênero nas instituições de Educação Infantil em diversas

idades. Realizaram uma análise de conteúdo e tiveram como referencial teórico alguns autores, como: Scott (1995), Bourdieu (2002), Paetchter (2009), Carvalho, Costa e Melo (2008). Os resultados destacados evidenciam que as práticas pedagógicas ainda são reprodutoras da cultura androcêntrica, desvalorizando atributos femininos e que crianças de dois a cinco anos, são por vezes, impedidas de vivenciarem a diversidade das relações sociais em virtude do gênero.

Misuzaki e Gomes (2017) apresentaram uma pesquisa, em andamento, que busca compreender os modos pelos quais as crianças constroem experiências de identidades de gênero em contexto institucional, durante as brincadeiras e jogos, por meio de uma leitura de inspiração etnográfica realizando observação direta de pré-escolares (Pré-I e Pré-II), a entrevista semiestruturada e o registro fotográfico. Apresentam como referencial teórico Kohan (2005, 2008), Kramer (2008), Viana e Finco (2009), Scott (1990), Larrosa (2002) entre outros. Os resultados apontam que no ambiente da Educação Infantil são construídas as identidades de gênero por meio de linguagens, experiências, tempos e espaços, muitas vezes, favorecendo o binarismo entre feminismo e masculino, portanto, concluem que é necessário ampliar essa discussão envolvendo docentes, pais e crianças.

O trabalho de Mizusaki (2018) teve por objetivo compreender como meninos e meninas da Educação Infantil expressam suas noções a respeito dos papéis e funções sociais de gênero em situações cotidianas institucionais por meio de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de inspiração etnográfica. Utilizou como referencial teórico, autores como: Scott (1990), Louro (2003), Viana e Finco (2009), Larrosa (2002), Maffesoli (2011). Os resultados da pesquisa destacaram que as crianças apresentaram discursos e comportamentos que indicaram a prevalência de noções centradas na normatividade masculina como figura de ordem e de poder, enquanto que, por outro lado, as meninas apresentaram comportamentos, atitudes e discursos de passividade e obediência, expressos efetivamente durante as brincadeiras.

Diante disso, podemos observar que os quatro artigos analisados trazem em seu resumo o referencial teórico utilizado, elencando os autores que subsidiaram as reflexões. Além disso, apenas um deles (MISUZAKI, 2018) foi apresentando em reunião regional (centro-oeste) da ANPED, os demais apareceram em reunião nacional. Vale destacar que dois trabalhos (COSTA E SILVA, 2015; MIZUSAKI, 2018)

abordam as questões de gênero na Educação Infantil a partir da participação das crianças na pesquisa.

Assim, os dois trabalhos (COSTA E SILVA, 2015; COSTA E SILVA; MORAIS, 2017) dizem respeito a análises de levantamento de produções em âmbitos distintos, o primeiro centrado nos trabalhos de GT's da ANPED e o segundo, nos trabalhos apresentados como conclusão do curso de especialização destacado pelas autoras. Outro aspecto a ser destacado, é que ao analisarmos os quatro artigos, pudemos identificar que as autoras Costa e Silva (2015, 2017) e Mizusaki (2017, 2018), cada uma é responsável pela produção de dois trabalhos distintos.

Nesse sentido, considerando que a ANPED é uma entidade consolidada desde os anos 80, que visa fortalecer e promover o desenvolvimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa em educação no âmbito nacional, podemos perceber que ainda são poucos os trabalhos na ANPED que versam sobre a relação entre gênero e Educação Infantil.

### **Considerações Finais**

O objetivo era de apresentar uma análise de dissertações e artigos no âmbito da produção científica brasileira, com o recorte temporal entre os anos 2015 a 2018, referente às questões de gênero na Educação Infantil. Tendo em vista as análises realizadas, observamos algumas características em comum nas produções. Em sua maioria são de abordagem qualitativa, sendo que muitas utilizam como instrumento de coleta de dados observações em campo e entrevistas semiestruturadas.

Outras afluências percebidas se referem à incidência de produções que discutem gênero na Educação Infantil a partir das práticas pedagógicas e/ou curriculares. Grande parte das pesquisas também apontam que gênero é compreendido a partir de uma perspectiva biológica, de caráter binário e heteronormativo, e tais compreensões são naturalizadas para que não sejam percebidas as diferenças impostas por adultos no âmbito escolar.

Destacamos também que dentre as dezoito produções científicas analisadas, seis delas indicam um ponto em comum, a necessidade da temática de gênero ser abordada durante a formação de professores/as, seja ela inicial ou continuada, de

forma a auxiliar na compreensão conceitual e favorecer momentos de reflexão sobre as práticas pedagógicas, para que a escola, possa se tornar um espaço de desconstrução de desigualdades e maior equidade.

No que se refere às lacunas, podemos identificar a escassez de produções que explicitem em seus resumos o referencial teórico que permeia as pesquisas, apenas três dissertações e cinco artigos destacaram as teorias e autores que subsidiaram as pesquisas, tal aspecto interfere na consolidação e no aperfeiçoamento das produções científicas desta temática em âmbito nacional, afinal, é necessário que pesquisas em educação, mesmo tendo múltiplas possibilidades, evidenciem os aspectos teórico-epistemológicos, os quais são de extrema relevância e não podem ser considerados menos importantes em um trabalho. Outra lacuna observada está relacionada aos participantes das pesquisas, são poucas que abordam a perspectiva da criança, aspecto importante para evidenciar o protagonismo infantil e a transgressão das fronteiras de gênero a elas impostas.

Nesse sentido, consideramos que ainda é necessário que as pesquisas apontem para práticas que contribuam para a desconstrução da perspectiva de gênero sob uma ótica binária, bem como, continuar ampliando o esforço investigativo e a produção acadêmica acerca da temática de gênero envolvendo a Educação Infantil, afinal, este pode ser um meio importante para repensar em verdades postas no âmbito da educação e gênero, contribuindo para a luta por uma sociedade com menos desigualdades entre homens e mulheres.

Por fim, percebemos que este trabalho traz contribuições pertinentes para o mapeamento e análise das produções científicas no âmbito nacional que abordaram a temática de gênero relacionada à Educação Infantil, evidenciando afluências e limitações, evitando redundâncias e apontando perspectivas para pesquisas inéditas.

## Referências

AGUIAR, Lorena Marinho Silva. **Um olhar sobre as práticas pedagógicas que transgridem estereótipos de gênero na Educação Infantil na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ANSELMO, Viviane Soares. **Educação infantil, dimensão brincalhona, gênero e profissão docente: o que as professoras e professores têm aprendido com meninas e meninos pequenas/os?**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Estatuto da ANPED**. Porto de Galinhas – Ipojuca: 2012. Disponível em: <[https://www.anped.org.br/sites/default/files/estatuto\\_anped\\_com\\_registro.pdf](https://www.anped.org.br/sites/default/files/estatuto_anped_com_registro.pdf)>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

BARROS, Daniel Fraga. **Concepções sobre Gênero e Direitos Humanos no contexto de uma escola de Educação Infantil (Torres – RS)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Do Extremo Sul Catarinense, 2017.

BATISTA, Raquel Aparecida. **Fotonarrativas e percepções de professoras da educação infantil sobre gênero: uma análise a partir das práticas pedagógicas**. 2018. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

CAMINERO, Daniane Fátima Quadrado. **A infância e as questões de gênero em instituições de Educação Infantil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2016.

COSTA e SILVA, Francisca Jocineide da. Construções de identidade de gênero na primeira infância: uma análise da produção científica e do RCNEI. **Anais da 37ª Reunião Científica da ANPED**. Florianópolis, out. de 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3914.pdf>>. Acesso em: 10 nov. de 2022.

COSTA e SILVA, Francisca Jocineide da; MORAIS, Adenilda Bertoldo Alves de. “Coisas de meninos e coisas de meninas”: a produção do curso gênero e diversidade na escola sobre educação infantil. **Anais da 38ª Reunião Científica da ANPED**. São Luís, out. de 2017. Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT23\\_937.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_937.pdf)>. Acesso em: 10 nov. de 2022.

FILHO, João Batista de Olivera. **Pedagogia dos Corpos: Gênero e Sexualidade em dois CMEIS da cidade de Natal – RN**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

FINCO, Daniela. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. **Anais da 28ª Reunião Científica da ANPED**. Caxambu, out. de 2005. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07945int.pdf>>. Acesso em: 10 nov. de 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARAWAY, Donna, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, **Cadernos Pagu**, n. 5, p.07-42, 1995.

KRUG, Camila; SOARES, Rosângela. O chinelo rosa: corpo e gênero na Educação Infantil. **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 18, n. 34, p. 249-266, jul./2016.

LEITE, Lucimar da Luz. **Representações de gênero e de sexualidade nas brincadeiras infantis e na docência: discurso, consolidação, resistência e ambivalência**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Maria Cristina A.; UNBEHAUM, Sandra G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, vol. 6, n. 19, p. 37-50, set/dez, 2006.

MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 46, p. 411-438, nov./2016.

MIZUSAKI, Renata Aparecida Carbone; GOMES, Cleomar Ferreira. Experiências de identidades de gênero: corpo brincante em espaços institucionais – entre brinquedos, brincadeiras e outras habitações lúdicas. **Anais da 38ª Reunião Científica da ANPED**. São Luís, out./2017. Disponível em: <[http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT23\\_827.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_827.pdf)>. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

MIZUSAKI, Renata Aparecida Carbone. Saberes infantis sobre as relações de gênero: corpos pensantes na educação infantil. **Anais da XIV Reunião Regional Centro-Oeste ANPED**. Cuiabá, 2018. Disponível em: <<http://anais.anped.org.br/regionais/p/centrooeste2018/trabalhos?sort=desc&order=Grupo%20de%20Trabalho>>. Acesso em: 10 de nov. de 2022.

PALMEN, Sueli Helena de Camargo; ESTEVES, Vivian Colella. A constituição das creches nas universidades públicas estaduais paulistas: as relações de gênero e os

direitos da mulher e da criança pequena à busca por novas práticas. **Revista Zero-a-Seis**, Campinas, v. 20, n. 37, p. 58-75, 2018.

SALGADO, Raquel Gonçalves; GARCIA, Paula Fernanda Martins. Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da Educação Infantil. **Revista Zero-a-seis**, Campinas, v. 20, n. 37, p. 112-124, 2018.

SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do Adultocentrismo: Uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados, v. 5, n. 13, p. 72-85, jan./abr. 2015.

SANTOS, Luciane Tavares dos. **Narrativas de professores de Educação Infantil sobre gênero em uma escola de Ananindeua**: discursos e seus efeitos em práticas pedagógicas. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2016.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Tássio José da. **Organização e utilização dos espaços físicos na Educação Infantil: um estudo sob a ótica do gênero**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

SOUSA, Thalita de Fatima Aranha Barbosa. **Gênero e Educação Infantil: um estudo das atividades realizadas pelas professoras no contexto escolar**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n.33, p.265-283, jul./dez. de 2009.

*Recebido em 19/06/2023*

*Versão corrigida recebida em 12/09/2023*

*Aceito em 20/11/2023*

*Publicado online em 13/12/2023*